
Por bem ou por mal: mulheres do Sul no rastro do *monstro grande que pisa fuerte*

De gré ou de force: Les femmes dans la mondialisation.

FALQUET, Jules.

Paris: Ed. La Dispute/SNÉDIT, 2008. 213 p. (Collection Le Genre Du Monde).

Y hablo de países y de esperanzas,
Y hablo por la vida, hablo por la nada,
hablo de cambiar ésta, nuestra casa,
de cambiarla por cambiar, nomás.
Quien dijo que todo está perdido?
Fito Paez

Ana é uma sul-americana que trabalha num bairro chique da cidade mais visitada do mundo: Paris. Cenário de vários episódios do filme *Paris, je t'aime*, entre os quais o de Walter Salles e Daniella Thomas, com a presença de Catalina Sandino Moreno, a Maria Cheia de Graça da película colombiana¹ que aborda as migrações internacionais da contemporaneidade.²

Para chegar disposta no *16ème*, Ana recorre à uma conhecida técnica corporal (dormir em pé no metrô), muito utilizada pela classe trabalhadora, que lhe permite repousar entre uma jornada e outra. Poucas palavras, muitos ruídos, o amanhecer cansado dos trabalhadores, mais um dia se repete: despertador estridente, passos silenciosos, *guaguatear* do bebê, o barulho do metrô, o burburinho dos passageiros, a canção que Ana entoa para ninar o filho – a mesma usada para entreter o filho da patroa, algumas horas depois, do outro lado da Grande Paris. Não há diálogos entre estas duas mulheres: só troca de palavras: a patroa solicita que ela fique até mais tarde, pois tem um compromisso e o bebê necessita de cuidados. Ana nem cogita em negar tal pedido: os trabalhos do *care*³ são flexíveis, não exigem qualificação e têm sido feitos por milhares de migrantes que deixam o Sul em busca do Norte para viver melhor.

A identidade de gênero aqui é atravessada pela desigualdade de classe. Ana conta, sim, com uma creche de primeiro mundo, estruturada sob uma noção de direitos sociais

que inexistente nas suas coirmãs do Sul, em que grassam penalidades, faltam profissionais, os horários são curtos, as vagas são escassas... Duas mulheres, duas experiências, um só mundo: cinco minutos de filme bastam para que mergulhemos na mundialização neoliberal, tema para o qual Jules Falquet dedica quase 200 páginas (a ciência requer tempo, argumentos, dados, já a arte opera por outros caminhos). A França escolhida por Ana oferece benesses de um Estado de Bem-Estar (que nunca se consolidou no Sul) que permite que (algumas) mulheres existam verdadeiramente, vivam uma vida criativa e pública, longe do confinamento doméstico e dos grilhões de uma maternagem *full-time*. Ana representa as milhares de mulheres de serviço de carne e osso que se espalharam pelo mundo desde os anos 70, contribuindo para o multiculturalismo do mundo global com suas culturas, identidades, línguas. Como ela, a maioria das mulheres migrantes destina-se mais – e ainda – aos serviços do cuidado, nos assim chamados trabalhos do “*care*”, extensão do tradicional trabalho doméstico. Já aos homens tem tocado os trabalhos da guerra e da expansão da sociedade de controle: das invasões do Império à indústria da segurança, vemos a re-produção de papéis bem conhecidos: homens que ferem, mulheres que cuidam. As ditas facilidades do “*ir e vir*” de pessoas, mensagens e coisas, o que é tão elogiado pelos entusiastas da globalização, não apenas traz consigo o aprofundamento das desigualdades como também se baseia em fortes mecanismos coercitivos, e potentes meios de persuasão.

O livro traz artigos bem encadeados, em um *crescendo*, mas pode ser lido tal qual jogo da amarelinha. Inicia com a explicitação de seus pressupostos macrosociológicos acerca da mundialização neoliberal, inspirada em Wallerstein e outros, sendo a globalização a faceta ideológica (persuasiva) que inclui a precarização das relações de trabalho e a re-primarização da economia. Isso tem como consequência uma série de processos ligados ao mundo do trabalho que são tema do capítulo 2, (“Homens armados, mulheres de serviço”), produzindo este *casal fatal* que seria o pivô do endurecimento das relações sociais de classe,

de raça e de gênero referido. O capítulo 3 traz uma corajosa análise das agências de cooperação internacional dedicadas ao “desenvolvimento”, que estão imbricadas com o capitalismo imperialismo,⁴ recorrendo a complexas estratégias persuasivas que envolvem as ONGs e movimento sociais.

Essa análise se aprofunda no capítulo 4, onde se mostra o processo de instrumentalização das mulheres sob o manto da ajuda “filantrópica” promovida pelas instituições de “cooperação” – as aspas aqui significando a crítica contundente que a autora faz dos efeitos maléficos desse tipo de perspectiva dita “humanitária”, desde o ponto de vista dos direitos humanos das populações que as estatísticas pretendem edulcorar. Destaco a crítica – que merece ser aprofundada – ao termo *empoderamento*, visto como estratégia-chave do sistema ONU, inaugurada na Conferência de Pequim e que, inobstante sua origem popular e as atuais ressignificações, baseia-se em uma noção de poder bastante frágil, apoiada em princípios individualistas e psicologizantes. Jules mostra, apoiada em dados e reflexões de outros/as autores/as, que estas políticas individualizam problemas e soluções, disseminando valores como competição, empreendedorismo e senso de oportunidade,⁵ além de desestruturar práticas comunitárias ainda presentes em muitos destes grupos.

O último capítulo trata da participação ativa das mulheres nos movimentos em que o neoliberalismo é combatido frontal e organizadamente, a saber, a *Frente Farabundo Martí para la Libertación Nacional*, o *Ejército Zapatista de Libertación Nacional* e o Movimento dos Sem-Terra. Tendo em vista o debate feminista, Jules coloca em diálogo as questões trazidas tanto pelos movimentos redistributivos/classistas quanto pelos feminismos afro-latino-americanos, movimentos identitários – classificação de Nancy Fraser que utiliza, mas de forma crítica. A partir deste diálogo, aponta limites e desafios para estes movimentos sob o ponto de vista feminista, chamando a atenção para a reprodução da divisão do trabalho político, para a permanência do modelo hegemônico de família no MST via agricultura familiar, já que esta repousa na invisibilidade do trabalho dito leve feito pelas mulheres. E assinala a experiência – com idas e vindas – dos neozapatistas em cambiar a cultura naquilo que ela contém de opressiva para as mulheres. Já ao analisar os movimentos feministas afro-latino-americanos, Falquet chama a atenção para as diferenças de classe e de raça

que atravessam as identidades de gênero, bem como os riscos de uma tendência essencializante – forte em perspectivas ecofeministas – e movimentos campesinos e indígenas que tentam articular demandas de gênero/feministas com demandas ecológicas e questionam o modelo de desenvolvimento e de produção capitalista atual. Este capítulo e o terceiro (“Desenvolvimento e participação segundo as instituições internacionais”) podem ser consultados em português e em espanhol.⁶

As referências à teoria feminista no livro de Jules Falquet são vastas e incluem livros, artigos e documentos latino-americanos; mas, apesar de ampla e heterodoxa, a perspectiva teórica é claramente herdeira do feminismo materialista francês, que segue problematizando o trabalho nas relações sociais (o que densifica o uso da categoria *classe*), entre outros aspectos que caracterizam esta tradição de pensamento que comparece na obra via Nicole Claude-Mathieu, Christine Delphy, Danièle Kergoat e Helena Hirata, com quem trabalhou recentemente sobre a divisão do trabalho no contexto da precarização neoliberal.⁷ “Teoria e prática, luta e análise, não existem umas sem as outras”, diz a autora, cuja escrita pulsa tanto quanto sua implicação interessada e militante (e não “humanitária nem filantrópica”, como diz) junto aos movimentos latino-americanos e caribenhos, prevalecendo a ternura sobre a dureza das críticas. Escrito antes da Primavera Árabe e dos Ocupas, que voltaram a entusiasmar indignados e insatisfeitos do mundo, o livro se contrapõe à postura pessimista e pragmática que alimenta a consigna do “tudo está perdido”, como se o capital-império não fosse – tal qual as construções de gênero – obra humana, passível de desconstrução.

Notas

¹ MARIA Ilena eres de Gracia, 2004.

² LOIN du 16ème, 2006.

³ Os trabalhos do *care* envolvem tarefas historicamente atribuídas às mulheres: são os cuidados com crianças, idosos e doentes, realizados no âmbito doméstico, vitais para a reprodução das famílias e das diferentes classes sociais. No mundo contemporâneo, tem sido uma das principais áreas de atuação de migrantes internacionais e de trabalhos precarizados (Helena HIRATA, 2011).

⁴ Virginia Fontes recorre à perspectiva de Lênin e de Gramsci para analisar os últimos 30 anos do capitalismo, fazendo também uma análise dos movimentos de resistência e do processo de conversão mercantil-filantrópica destes atores, no Brasil (FONTES, 2012).

⁵ Uma detalhada análise nesta linha, tendo por foco o México, pode ser lida no trabalho de Marie-France Labrègue (2009).

⁶Textos disponíveis nas revistas *Lutas e Resistências* (FALQUET, 2006) e em *Desacatos* (FALQUET, 2003).
⁷Jules FALQUET ET al., 2010.

Referências

FALQUET, Jules. "Mujeres, feminismo y desarrollo: un analisis crítico de las instituciones internacionales". *Desacatos. Revista de Antropología Social*, Mexico, n. 11, p. 13-55, 2003.

_____. "Três questões aos movimentos sociais progressistas: contribuições da teoria feminista à análise dos movimentos sociais". *Revista Lutas e Resistências*, Londrina, GEPAL/UUEL, n. 1, p. 212-225, 2006.

FALQUET, Jules; HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle; LABARI, Brahim; LE FEUVRE, Nicky; SOW, Fatou. *Le sexe de la mondialisation. Genre,*

classe, race et nouvelle division du travail. Paris: Presses des Sciences Po, 2010.

FONTES, Virginia. *O Brasil e o capital-imperialismo.* 3. ed. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2012.

HIRATA, Helena. "Genre, travail et care: l'état des travaux en France". *Revista Latino-Americana de Estudos do trabalho*, n. 26, p. 37-56, 2011.

LABRÉCQUE, Marie-France. "Transversalização da perspectiva de gênero ou instrumentalização das mulheres". *Revista Estudos Feministas*, v. 18, n. 3, p. 901-912, 2009.

LOIN du 16ème (Paris, jê t'aime). Direção: Walter Salles e Daniela Thomas. França/Alemanha/Suíça. 2006. Filme.

MARIA Ilena eres de gracia. Direção: Joshua Marston. EUA/Colombia. 2004. Filme.

Carmen Susana Fava Tornquist ■
Universidade do Estado de Santa Catarina